

Coletivo Conviva Diferente e a experiência do curso de português para migrantes em Guaianases/SP

*Alexandra C. Gomes de Almeida**
*Daniel V. Tapia Lira de Siqueira***
*Erika Andrea Butikofer****

1 INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo conta, atualmente, com migrantes de 203 nacionalidades (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2019) de diversas partes do mundo, dentre elas, Angola, República Democrática do Congo, Nigéria, Senegal, Líbia, Iraque, Paquistão, Colômbia, El Salvador, Turquia, Venezuela e Síria e que fazem parte de uma tendência mais específica dos principais grupos da migração contemporânea, que é a refugiada (NEPO/UNICAMP, 2018).

O perfil populacional de migrantes na capital paulistana é constituído em sua maioria por pessoas oriundas da Bolívia (20,8%), de Portugal (14,5%), da China e Japão juntos (14,4%). E destaca-se que, entre 2017 e 2019, houve um aumento da presença de haitianos (19%) e peruanos (17%), e uma redução de bolivianos (14%). Em seu conjunto, a população de imigrantes em São Paulo, em 2019, era constituída por cerca de 360.000 pessoas, segundo a base de dados da Polícia Federal (2017/2019) (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2019).

Porém, a acomodação dessas pessoas na capital é diversa e sua redistribuição espacial, comumente em bairros periféricos, pode estar relacionada com uma hierarquia urbana internacional (BAENINGER, 2012), associada a marcadores territoriais étnico-raciais. Em relação à questão do acesso à moradia na cidade, destaca-se a concentração de migrantes nos bairros centrais como o Bom

* Pós-doutoranda pelo Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisadora do Laboratório de Estudos Migratórios (LEM) da UFSCar. Atua no Coletivo Conviva Diferente desde 2016. ale.gomes.almeida@gmail.com (Unifesp)

** Doutorando no programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP). Atua no Coletivo Conviva Diferente desde 2016. daniel_tapia@usp.br (USP)

*** Mestra em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e especialista em Direitos Humanos, Diversidade e Violência pela mesma instituição. Cofundadora do Coletivo Conviva Diferente, em 2014. erika.butikofer@ufabc.edu.br (UFABC)

Retiro, Santa Cecília, República, Consolação, Bela Vista, Liberdade e Cambuci, que integram a subprefeitura da Sé. Mas há também uma população bastante significativa, e cada vez maior, na zona leste, com ênfase nos distritos de Penha, Artur Alvim, Itaquera e Guaianases (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2019). Trata-se, portanto, de uma população exposta e submetida a condições de vulnerabilidade em várias dimensões políticas e sociais, ora marcadas por experiências cotidianas de xenofobia e racismo.

Guaianases, por exemplo, é uma região que apresenta problemas estruturais típicos das periferias das grandes cidades brasileiras. Seus habitantes passam por diferentes privações de direitos básicos, como dificuldades de mobilidade, falta de saneamento básico, de ofertas de emprego formais, de lazer e políticas públicas. Além disso, a presença da violência endêmica no território são alguns dos problemas estruturais enfrentados pelos seus moradores (ROLNIK; FRÚGOLI, 2012). Boa parte das atuais comunidades migrantes se estabelecem no bairro referido, conseqüentemente, estão distantes da maior parte dos cursos de português e serviços de assistência migratória.

Embora muitos dos migrantes e refugiados dominem mais de um idioma ou dialeto (francês, espanhol, inglês, *creole*, *yoruba* etc.), o português, infelizmente, ainda não é uma língua dominada pela maioria. Assim, a língua portuguesa acaba se tornando mais uma barreira a ser enfrentada, comprometendo o acesso a serviços de assistência básica como o de saúde, por exemplo. O Coletivo acredita que, ao realizar um projeto de curso de português no território, afastado da região central, contribui para superar tais barreiras e, além disso, tal atividade amplia a oferta de uma rede de contatos, auxiliando no acesso às políticas públicas e sociais.

2 O COLETIVO CONVIVA DIFERENTE

O Coletivo surgiu da idealização de um Projeto Social apresentado no Curso de Gestão de Projetos Sociais no Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAC), em 2014. O trabalho do grupo, à época, focou na elaboração e execução de um curso de português para migrantes.

Como resultado desse trabalho, o Coletivo desenvolveu o primeiro curso em parceria com a comunidade religiosa nigeriana *Christian Community Ministry International* (CCMI), localizada na região central de São Paulo¹. O local, para além de uma instituição religiosa, também é um ponto de referência e acolhimento da comunidade nigeriana que foge das perseguições e ataques promovidos pelo grupo terrorista *Boko Haram*. A igreja desejava que os/as frequentadores/as tivessem alguma orientação sobre o acesso a alguns serviços sociais como: abertura de conta bancária, inscrição no CadÚnico, encaminhamento para entrevista de emprego ou para cursos profissionalizantes, orientação na solicitação de documentos de regularização migratória etc. E foi nesse ponto

que se consolidou a parceria com o Coletivo, que ofertou o curso de português e o trabalho do assistente social, voluntário naquele momento, que orientava algumas demandas dos/as alunos/as sobre o acesso a serviços públicos. A parceria com a comunidade da igreja nigeriana perdurou até dezembro de 2015.

A partir dessa experiência, o Coletivo ampliou o diálogo com organizações e instituições que atuam com migrantes na cidade de São Paulo². A partir da expansão desses contatos, passamos a ministrar aulas no CIC Imigrante (Centro de Integração e Cidadania do Imigrante), localizado no bairro da Barra Funda, em 2016. Naquele momento, o espaço contava com a colaboração de muitos voluntários e um pequeno número de alunos atendidos. Por diversas vezes, perguntamo-nos sobre as razões dessa baixa adesão de alunos migrantes, já que o domínio mínimo da língua portuguesa, supúnhamos, era importante para que eles se estabelecessem melhor no país e para que pudessem obter a tão almejada colocação profissional no mercado de trabalho.

Constatamos que a não utilização desse equipamento público destinado para migrantes se devia, sobretudo, às dificuldades de acesso ao local. Isso decorria do fato de que parte dos alunos e alunas, ao saírem da situação de moradia temporária, em igrejas improvisadas ou casas de acolhida (normalmente localizadas na região central), mudavam-se para bairros periféricos do município de São Paulo, como por exemplo, Guaianases (BUTIKOFER, 2021), Artur Alvim (GALLO, 2011) e Itaquera, na zona leste da cidade, Perus, na zona noroeste, Grajaú e Jardim Ângela, na zona sul, ou em regiões da Grande São Paulo, como o município de Santo André (ARAÚJO, 2015).

Por isso, em outubro de 2016, o Coletivo transferiu suas atividades para Guaianases, com o objetivo de amparar aqueles que ainda aguardam serem contemplados por alguma iniciativa do poder público.

Observamos, ao longo dos anos, a partir de relatos em sala de aula e de questionários aplicados no momento de inscrição no curso, que muitos de nossos estudantes têm formação universitária e falam mais de um idioma e exerciam, em seus países de origem, suas profissões. Contudo, com o entrave do idioma e da dificuldade da legalização de seus diplomas, não conseguem exercer suas profissões aqui. Por questões de sobrevivência, submetem-se a subempregos alternativos, como trabalhos ambulantes.

Apesar de o Brasil ser um país constituído historicamente por migrantes internacionais, ainda são escassas as políticas públicas voltadas para o ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). Somente a partir do ano de 2018, a oferta de cursos de português para migrantes, na cidade de São Paulo, torna-se uma política municipal, com a criação do projeto *Portas Abertas: Português para Imigrantes*, fruto de uma ação entre a Secretaria Municipal de Educação (SME), a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), com o objetivo de oferecer curso de português gratuito, contínuo e permanente para migrantes na Rede Municipal de Ensino.

A iniciativa torna-se fundamental para o acolhimento dos migrantes recém-chegados, porém, sabemos das adversidades enfrentadas por alguns professores da rede pública municipal ao não terem motivação ou experiência no ensino de PLAc. Na escola municipal de ensino fundamental do CEU Jambeiro, por exemplo, funcionários e professores relataram aos professores/as do Conviva Diferente sobre a sobrecarga de funções, mas, ao saberem da oferta do nosso curso, encaminhavam estudantes para o nosso projeto, como um apoio e alívio para as atividades dos profissionais da rede municipal de ensino.

3 CURSO DE PORTUGUÊS EM GUAIANASES: ABRANGÊNCIA, TERRITÓRIO E PÚBLICO-ALVO

A proposta principal do Conviva Diferente é ministrar aulas de português e o diferencial desse projeto em relação aos demais cursos ofertados na cidade é por também atuar em outras vertentes como: auxiliar em demandas de empregabilidade, fazer mediação entre os alunos e alunas os serviços públicos e mobilizar mutirões para que os serviços de assistência a migrantes cheguem até Guaianases. Deste modo, pretende-se diminuir o abismo que separa esses migrantes do acesso aos serviços básicos e permitir-lhes encontrar mais e melhores oportunidades na metrópole paulistana.

O Coletivo foi o primeiro grupo a oferecer aulas de português na região e continua a ser um dos poucos³. Portanto, tornou-se pioneiro e referência na região ao perceber a demanda que há no território. A nossa iniciativa tem como missão proporcionar um curso de português com competência linguística e comunicativa, bem como informações sobre direitos e cidadania a essa população.

Nosso público-alvo são pessoas migrantes e refugiadas, independente de sua situação regulatória, de qualquer nacionalidade, faixa etária, gênero ou religião, moradoras de Guaianases, Lajeado e adjacências do extremo leste da cidade de São Paulo. E, desde que lá estamos, temos registrado uma média de 124 alunos e alunas que frequentaram o curso ao ano, e estima-se que as pessoas impactadas direta ou indiretamente estejam em torno de 300, entre estudantes fixos (e suas famílias) e a demanda flutuante.

A proposta de uma educação informal e inclusiva nos levou a realizar algumas ações, muitas vezes pelo ensaio e erro, devido à peculiaridade de nos propormos acolher cada estudante novo que nos procurava. A cada início de semestre, nos reunimos e discutimos as estratégias que foram adotadas, os sucessos e fracassos, para a elaboração do programa do semestre seguinte.

Outro ponto interessante a destacar é sobre as questões de gênero. Embora o percentual de mulheres a frequentar as nossas aulas seja menor, se comparado ao gênero masculino, ainda assim é um número expressivo e permite algumas importantes reflexões.

Em 2018, por exemplo, entre as pessoas cadastradas, 32% se identificavam com o gênero masculino, 17% com o feminino e 51% não manifestavam nenhuma opção de gênero. Em 2020, entre os 90 estudantes que preencheram a nossa ficha de cadastro, 70% assinalaram a opção do gênero masculino e 30%, feminino.

Assim sendo, o Coletivo é acessível para estas mulheres migrantes por questões estratégicas, tanto pelo fato de os encontros ocorrerem aos sábados, proporcionando flexibilidade de aulas fora do horário comercial, quanto por possibilitar a elas levarem suas crianças nas aulas, não as excluindo do processo de aprendizado; portanto, vemos que a oferta das aulas de português no território de Guaianases e o acolhimento dessas mulheres no curso atravessam questões de gênero, raça e classe.

Somado a isso, destaca-se que, desde 2021, o Coletivo começou a contar com a presença de uma integrante boliviana, moradora também do bairro (nesse mesmo ano, ela tornou-se conselheira suplente no Conselho Municipal de Imigrantes – CMI), e sua eleição contou com o apoio de integrantes e diversos alunos e alunas do Conviva Diferente. Esta integrante, por ser também uma líder comunitária no bairro, indica importantes direcionamentos para que o Coletivo possa ampliar o escopo de atuação, assim como também expandi-lo para migrantes recém-chegados (principalmente mulheres) à região e que necessitam criar uma rede de contato e apoio local. Desse modo, nossa equipe procura valorizar, como aponta Pereira (2017), os processos bidirecionais de integração de migrantes, criando espaços de fala, de troca e de aprendizados coletivos.

4 EDUCAÇÃO INFORMAL E INCLUSIVA

Nossa prática pedagógica é baseada nos métodos de Paulo Freire (1996), pensando no migrante como o protagonista de sua história e fornecendo, a partir da linguagem, uma nova maneira de conhecer a realidade, e assim alcançar sua autonomia. O ensino, apoiado no pensamento do educador e filósofo brasileiro, não trata o migrante como um ser passivo e alienado, mas como protagonista de sua história e cultura. Essa pedagogia se contrapõe, conforme classificação de Freire, à chamada *educação bancária*, que é oferecida nas escolas, em que o professor *detentor do saber* deposita o conhecimento no aluno *receptivo e dócil*. Neste sentido, valorizamos as trocas culturais, incentivamos os alunos a trazerem tais elementos para as aulas e para os eventos de confraternização, seja através de datas comemorativas (Dia da Bandeira do Haiti), como culinária, danças e performances.

Nossa atuação com os estudantes proporcionou também espaços para a realização de atividades culturais como apresentação de talentos em eventos de confraternização com apresentação de dança, música, teatro, culinária típica dos

países aos quais nossos alunos e alunas pertenciam, e até mesmo a criação de um grupo artístico, Hai-Brasil. Nessa perspectiva, as aulas eram ministradas, muitas das vezes, de forma lúdica por meio de rodas de conversa, aulas bazares, trocas de cartas entre estudantes e brasileiros, e atividades externas, procurando criar, assim, espaços que proporcionam empoderamento e autonomia, bem como diálogos para troca de saberes a partir de experiências de vida dos indivíduos envolvidos.

Uma das características das aulas do Coletivo foi a inclusão de todos que nos procuraram, interessados em aprender português. Se, por um lado, tínhamos a ideia de acolhimento no sentido literal, por outro, isso nos causava outra questão: como agregar novos integrantes e avançar nos conteúdos abordados? Adotamos algumas estratégias; uma que se mostrou mais eficaz foi a divisão das aulas em grupos, uma sala para os alunos e alunas que já estavam há mais tempo e progredindo, e outra, na qual se juntavam os novos estudantes ou aqueles com dificuldade maior.

Ao oferecer uma turma de português intermediária, em 2019, tivemos a oportunidade de dispor de alunos monitores (que falavam o idioma da maioria – francês ou inglês), com a finalidade de enaltecer o importante trabalho que fazem ao longo do curso, ao nos auxiliarem com traduções e mediações com o grupo de educandos recém-chegados. O novo módulo nasceu com o propósito de exercitar ainda mais a conversação e a escrita de estudantes que nos acompanharam no decorrer dos anos. Com essa turma pudemos desenvolver competências e conhecimentos por meio de atividades que não poderíamos realizar com estudantes do nível básico, como clubes de leitura para fomentar discussões a partir de textos selecionados pelos professores, apresentações de seminários organizados pelos estudantes buscando incentivá-los a exercitarem a comunicação em português, pesquisando assuntos de seu interesse e produção de redações de temas variados⁴.

Mais do que aprender a gramática da nova língua, o curso de português como língua de acolhimento é um meio de trazer elementos culturais dentro e fora da sala de aula. À vista disso, temos no escopo de nosso projeto viabilizar atividades culturais, como passeios, aulas itinerantes e mutirões de serviços e de entretenimento.

O nosso trabalho tem sido reconhecido não só pelo tempo de atuação na região, número de pessoas alcançadas, mas também pelos parceiros que atuaram pontualmente no projeto. Um dos principais deles é o CEU Jambreiro que nos permitiu a utilização de algumas de suas salas de aula e auditório para eventos e confraternizações. Por outro lado, nós divulgamos e incentivamos os estudantes a frequentarem outros espaços do CEU como a piscina, o cinema e a biblioteca.

Acreditamos que o projeto se tornou peculiar justamente nos diversos momentos em que se buscou valorizar e incentivar trocas culturais, como em datas festivas dos países de origem de nossos alunos, como a celebração do dia da bandeira haitiana, ou promovendo palestras e eventos organizados

pelos próprios estudantes. Ou, ainda, quando impulsionamos eventos onde migrantes pudessem falar sobre as suas trajetórias, conquistas, desafios e experiências laborais.

Nesse sentido, estamos de acordo com Barbosa e São Bernardo (2017) que afirmam que aprender a língua do país de acolhida promove a inclusão social e profissional daqueles que escolhem o novo país como sua morada. Esse conhecimento viria a trazer uma maior igualdade de oportunidades a todos, favorecendo o exercício da cidadania e proporcionando qualificações àqueles que aqui chegam e àqueles que os recebem.

5 ATUAÇÃO DO COLETIVO EM CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID-19

Na eclosão do surto de COVID-19, as aulas presenciais foram suspensas. No decorrer desse período, sem saber ao certo quando retornaríamos às nossas atividades presenciais no CEU Jambeiro, alunos e alunas nos perguntavam, pelo grupo de *WhatsApp*, a respeito do retorno das aulas de português. Nas semanas e meses seguintes, eles e elas passaram a contactar os integrantes do Coletivo para relatarem dificuldades pessoais que se acirraram em razão do isolamento social. A exemplo: demissões em razão da quarentena; impedimentos e entraves no recebimento e envio de remessas financeiras ao exterior; dúvidas se teriam direito ao auxílio emergencial; redução dos orçamentos familiares, inviabilizando pagamento de aluguel e a compra de mantimentos necessários à subsistência.

O Conviva se preocupou em prestar alguma assistência e, ao mesmo tempo, planejou o desenvolvimento do aprendizado de português no modo de ensino a distância, como veremos a seguir.

5.1 Projeto de cestas básicas e ensino a distância em meio à pandemia

Durante a pandemia, o Conviva Diferente contactou a rede de líderes comunitários de Guaianases a fim de obter mais informações sobre as condições de outros migrantes, refugiados e brasileiros, residentes no território. A partir disso, soube-se da mobilização de grupos civis e religiosos locais para captar recursos destinados à doação de cestas de alimentos e kits de higiene às famílias mais necessitadas naquele primeiro momento.

Inicialmente, o Coletivo organizou doação de cestas de alimentos através de um financiamento entre os próprios integrantes, amigos próximos, parcerias institucionais com o projeto social do Instituto *Accordes* e com entidades religiosas que cederam espaço para armazenamento e distribuição. Assim, no mês de abril de 2020, foram distribuídas 51 cestas de alimentos, sendo 29 custeadas pelo Coletivo e 22 pelo Instituto *Accordes*.

Contudo, para prestar apoio às ações das entidades e sociedade civil de Guaianases e região, o Coletivo elaborou uma Carta-Manifesto com o intuito de publicizar as precariedades e dificuldades que migrantes, refugiados e moradores de Guaianases vinham enfrentando, pois era cada vez mais manifesta a situação de vulnerabilidade social. O documento foi enviado às Secretarias Municipais de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC), Assistência e Desenvolvimento Social e da Saúde (SMADS), ao gabinete do prefeito de São Paulo e, por fim, para representantes do legislativo. A Carta-Manifesto serviu como base para criar o abaixo-assinado *Imigrantes e refugiados precisam de ação do poder público!*⁵, aumentando a pressão popular sobre este (BUTIKOFER, 2020).

A Carta-manifesto teve apoio de vinte e cinco entidades, entre organizações, igrejas, associações de migrantes, movimentos sociais, comunidades indígenas, cátedras e programas de diversas universidades (BUTIKOFER, 2020, p.563). Em pouco tempo, a prefeitura de São Paulo atendeu ao pedido da Carta-Manifesto e ao abaixo-assinado através da inclusão do Coletivo Conviva Diferente no programa **Cidade Solidária: Ação de Voluntariado de São Paulo contra o Coronavírus**, destinando cem cestas básicas para serem distribuídas à população migrante residente em Guaianases.

Para receber a doação era necessário ter Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ); como o Coletivo não o possui (ainda não se constituiu como Organização Não Governamental, ONG) foi necessário estabelecer outra parceria. Sabendo de nossa situação, o Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI) se responsabilizou por receber as cestas para depois repassar ao Coletivo. A nossa atuação sempre foi marcada por muitas dificuldades, tendo em vista a ausência de um espaço físico e carência de recursos financeiros. Assim, para garantir a distribuição das cestas, a igreja batista haitiana, localizada em Lajeado (bairro localizado nas vizinhanças de Guaianases), cedeu o espaço do seu salão para fazer a entrega das cestas, pois o local é conhecido por boa parte dos alunos e alunas.

Concomitante à entrega das cestas de alimentos, o Coletivo ofertou aulas de modo remoto, com aulas síncronas e assíncronas via *WhatsApp*. A criação dos grupos de *WhatsApp* visou estimulá-los a praticarem a língua portuguesa por meio de exercícios, conversas e elaboração de curtos diálogos com situações cotidianas, a fim de que, gradativamente, se ampliasse a aquisição de vocabulário. Infelizmente, muitos estudantes não conseguiram manter regularidade nas atividades em razão da dificuldade de acesso à Internet. Contudo, isso foi importante para que o grupo de estudantes e professores preservasse seus vínculos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de migrar traduz uma atitude de resiliência, ou seja, um ato de protagonismo, uma estratégia de busca por melhores condições de vida, individual e/ou para famílias, mas também é preciso notar a outra face da moeda: a vulnerabilidade e a maior exposição a condições de exploração (BOTEGA, 2018). E a vivência do Coletivo Conviva Diferente, durante a pandemia, presenciou o aumento, infelizmente, das vulnerabilidades sociais de quem é migrante (pobre, negro e oriundo do Sul Global).

Assim, pensar sobre a questão do domínio da língua portuguesa é importante para o Coletivo porque permite um primeiro acesso aos direitos e à cidadania dos migrantes. Ofertar cursos de português em equipamentos públicos e em bairros periféricos, onde há uma grande concentração dessa população, torna-se, então, uma forma de lhe proporcionar e estabelecer instrumentos socioculturais para sua sociabilização e acolhimento.

A partir de nossa inserção no bairro de Guaianases, percebemos que nosso trabalho não se consolidou apenas na oferta do curso de português para migrantes que esperam serem atendidos pelas políticas públicas ofertadas na cidade de São Paulo. Entendemos, hoje, que o trabalho do Coletivo é também pautar demandas (antes e durante a pandemia) e estabelecer uma interlocução com os atores sociais que atuam com esta população, mas que não exercem suas atividades no território.

Ademais, nossa chegada ao bairro fez com que outras instituições, coletivos e pesquisadores pudessem observar o local, a partir das várias reivindicações e carências da população que migra e ali se estabelece. Como exemplo, o êxito da Carta-Manifesto que possibilitou entregar mil e duzentas e quarenta sete cestas de alimentos para alunos/as e migrantes no território em 2020; em torno de mil e trezentas cestas em 2021; e trezentas e cinquenta em 2022. Foram 2 anos de mobilização, coordenação, cadastros e entrega mensal de cestas básicas para migrantes moradores de Guaianases, Lajeado, São Mateus, Corinthians-Itaquera, José Bonifácio e Ferraz de Vasconcelos. A possibilidade de parceiros e instituições ofertarem mutirões de serviços em Guaianases e Lajeado é outro exemplo das transformações recentes que pudemos constatar nos referidos bairros, desde que lá estamos.

Portanto, a presença do Conviva Diferente no território, desde 2016, e a intensa atuação durante a pandemia colaboraram para preservar e consolidar a rede de apoio aos migrantes e, principalmente, mantiveram ativa a interlocução entre os atores sociais e servidores públicos sobre as demandas e necessidades da população migrante num período social tão delicado, intenso e vulnerável em todos os âmbitos sociais.

NOTAS

¹ O assistente social membro do Coletivo à época, que trabalhava no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) Barra Funda, ligado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura da Cidade de São Paulo, notou um aumento significativo no número de migrantes que chegavam ao equipamento para lhe pedir auxílio e informações sobre trabalho e moradia. Por intermédio desses atendimentos, constatou que muitos deles forneciam como endereço um mesmo lugar: o da igreja nigeriana.

² Entre elas: Missão Paz, Coletivo *Sí, yo puedo!*, Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI), Instituto Cosmópolis e a Coordenação de Políticas para Migrantes da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania.

³ Devido a ser um dos poucos grupos a atuar no extremo leste da cidade e o único em Guaianases, outras organizações nos procuravam para divulgar ou realizar ações em conjunto, como o Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC), Fontié Ki Kwaze-Fronteiras Cruzadas, Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI) e SENAC Matarazzo. Além disso, atraímos muitos pesquisadores e estudantes interessados nos estudos migratórios, de modo que o Coletivo já foi mencionado em trabalhos acadêmicos e também foi objeto de documentário e curtas que participaram de festivais.

⁴ Por meio de nossa ajuda e incentivo, conseguiram o ingresso no ensino superior ou encaminhamento para cursos técnicos ou de formação profissional. Em 2019, tivemos a notícia de que dois alunos continuaram seus estudos no ensino universitário, um, na Uninove, e outra, na Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵ O programa é uma iniciativa da prefeitura e de diversas entidades da Sociedade Civil Organizada para ajudar pessoas em situação de extrema vulnerabilidade. Segundo a página oficial do programa, a ação permanecerá ativa durante todo período de calamidade pública decorrente da COVID-19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAENINGER, R.; FERNANDES, D. (Coords.) **Migração refugiada**. Atlas temático. Observatório das Migrações em São Paulo. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó - Nepo/Unicamp, 2018.

ARAÚJO, A. A. de A. **Reve de Brezil**: A inserção de um grupo de imigrantes haitianos em Santo André, São Paulo-Brasil. Santo André: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais -UFABC, 2015.

BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012. 146p.

BARBOSA, L. M. A.; SÃO BERNARDO, M. A. do. Língua de Acolhimento. In: CAVALCANTI, L; BOTEGA, T; TONHATI, T; ARAÚJO, D. (Orgs.) **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Ed. UnB, 2017.

BOTEGA, T. **Dignidade humana e mulheres migrantes**. Brasília-DF: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2018. Disponível em: <<https://www.csem.org.br/wp-content/>

uploads/2018/08/Dignidade_humana_e_mulheres_migrantes.pdf>. Acesso em: 27 mar.2021.

BUTIKOFER, E. A. De vírus, máscaras e cestas básicas: imigrantes da periferia de São Paulo em tempos de pandemia. In: BAENINGER, R.; VEDOVATO, L. R.; NANDY, S. (Coords.); ZUBEN, C. V.; MAGALHÃES, L. F.; PARISE, P.; DEMÉTRIO, N.; DOMENICONI, J. (Orgs). **Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19.**– Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó – Nepo/Unicamp, 2020.

BUTIKOFER, E. A. **Entre fronteiras territoriais e culturais:** etnolaisagens e alteridades entre migrantes negros do Sul Global em Guaianases/SP. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais-UFABC. São Bernardo: UFABC, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, F. B. G. **Refugiados congolezes em São Paulo:** sentidos e significados na Igreja Boa Nova Mensagem. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador-BA: UFBA, 2011.

PEREIRA, G. O Português como língua de acolhimento e integração: a busca pela autonomia por pessoas em situação de refúgio no Brasil. In: **Cadernos de Letras.** São Paulo, v. 17, n. 1, p. 118-134, jan./jun. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2019. Imigrantes na cidade de São Paulo: cinco anos de atendimento do Centro de Referência de Atendimento para Imigrantes - CRAI. **Informes Urbanos, nº41.** São Paulo: Urbanismo e Licenciamento, 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes_Urbanos/41_IU_IMIGRANTES_final.pdf>. Acesso em: 30 maio.2022.

ROLNIK, R.; FRÚGOLI JR., H. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole**, [S.l.], n. 06, p.43-66, maio 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/9268/6874>>. Acesso em: 22 abr.2019.

RESUMO

O presente trabalho é um relato de caso sobre o Coletivo Conviva Diferente, uma equipe multidisciplinar de professores de português para migrantes, que atua no CEU Jambeiro, em Guaianases, desde 2016. A equipe voluntária faz parte do trabalho desenvolvido pelo Coletivo que atua desde 2014 com migrantes, principalmente haitianos e africanos de diferentes países. Analisando o processo de imigração, identificamos que uma das maiores barreiras, enfrentadas na chegada ao novo país, é a dificuldade de comunicação, ou seja, compreensão do idioma local. Esta dificuldade restringe o acesso às informações essenciais, condição primordial para sua integração e estruturação mínima no país para obter moradia e emprego dignos.

Palavras-chave: Português como Língua de Acolhimento; Equipe Multidisciplinar; Periferia.

ABSTRACT

This paper is a case report about the Coletivo Conviva Diferente, a multidisciplinary team of Portuguese teachers for migrants that has been working at CEU Jambeiro, in Guaianases, since 2016. The volunteer team is part of the work developed by the Coletivo, which has been working since 2014 with migrants, mainly Haitians and Africans from different countries. Analyzing the immigration process, we identified that one of the biggest barriers faced upon arrival in the new country is the difficulty of communication, i.e., understanding the local language. This difficulty restricts their access to essential information, an important condition for their integration and minimum structuring in the country to obtain decent housing and employment.

Keywords: Portuguese as a Host Language; Multidisciplinary Team; Periphery.